

1.

Noite... Noite encantada, dolorosa... Noite louca, mágica e doida... Ainda noite... Noite que nunca parece acabar. Noite que, pelo contrário, às vezes passa muito depressa.

Estas são as minhas amigas, caraças... Fortes! São fortes. Fortes como Ondas – nome que demos ao nosso grupo¹ – que nunca param. O problema vai ser se alguma de nós se apaixonar a sério por um homem.

– Esperem por mim, estou aqui! – Niki olha para cada uma delas. Encontram-se na Via dei Giuochi Istmici. Estão no pequeno *Aixam* com as portas abertas e, com a música a disparar, improvisam um desfile de moda.

– Vem então! – Olly anda como uma louca de um lado para o outro da rua. Traz o som no máximo e uns óculos de armação larga. Parece Paris Hilton. Um cão ladra ao longe. Chega Erica, a grande organizadora. Traz quatro garrafas de *Corona*. Coloca as tampas na orla de uma guarda de ferro e, aos murros, fá-las saltar umas atrás das outras. Tira um limão da carteira e corta-o.

– Erica, a faca tem menos de quatro dedos, para o caso de te apanharem?

Niki sorri e ajuda-a. Coloca as rodela de limão nas garrafas e... Pum! Brindam, batendo com as garrafas umas nas outras e levantando-as para as estrelas. Depois sorriem até fecharem os olhos, sonhando. Niki é a primeira a acabar a cerveja. Respira fundo e fica logo bem. «As minhas amigas são muito fixes», pensa enquanto enxuga a boca. «É bom poder contar com elas», conclui ao lambar a última gota de *Corona*.

– Meninas, vocês são lindas... Sabem uma coisa? Faz-me falta o amor.

– Queres dizer que te faz falta uma queca.

– Parva! – intervém Diletta. – Ela disse que lhe faz falta o amor.

– Sim, o amor – recomeça Niki –, esse mistério fantástico desconhecido para ti...

Olly encolhe os ombros.

¹ No original, Onde, acrónimo composto pelas letras iniciais dos nomes dos elementos do grupo, e que em italiano significa também «ondas». (N. da R.)

«Sim», pensa Niki. «Faz-me falta o amor, mas tenho dezassete anos, dezoito em Maio. Ainda tenho tempo...»

– Espera aí, agora é a minha vez de desfilar, eh...

Niki avança esbelta naquela estranha passadeira-*passerelle*, entre as amigas, que assobiam e riem, divertidas com aquela pantera branca, linda e estranha que, por enquanto, ainda não «bateu» em ninguém.

«Amor, amor estás aí? Desculpa por não ter avisado, mas não me apetecia voltar amanhã.»

Alessandro entra em casa e olha em redor. Voltou de propósito, com desejo dela e também com o propósito de a encontrar com alguém. Já não fazem amor há muito tempo. Quando falta o sexo, às vezes só quer dizer que há outra pessoa. Alessandro anda pela casa, mas não encontra ninguém. Na verdade, não encontra nada. «Fogo! Estiveram cá ladrões?» Depois, repara num bilhete em cima da mesa, com a letra dela:

«Para Alex. Deixei-te comida no frigorífico. Liguei para o hotel, para te avisar, mas disseram que já tinhas saído. Talvez quisesses descobrir alguma coisa. Nada, lamento. Infelizmente, não há nada para descobrir. Fui-me embora. Fui-me embora e ponto final. Por favor, não me procures durante um tempo. Obrigada. Respeita as minhas escolhas como sempre respeitei as tuas. Elena».

«Não!» Alessandro deixa o bilhete na mesa. «Não foram os ladrões. Foi ela. Ela roubou a minha vida, o meu coração. Ela que diz ter respeitado as minhas escolhas. Mas quais escolhas?» Caminha pela casa. Os roupeiros já estão vazios. «Escolhas? Até a minha casa não era minha.»

Alessandro repara na luz do atendedor de chamadas a piscar. «Talvez tenhas mudado de ideia? Talvez estejas a pensar em regressar?», pensa ao carregar no botão do atendedor, cheio de esperanças.

«Olá, como estás? Há muito que não dizes nada... Isto não está bem. Venham jantar aqui em casa um dia destes, tu e a Elena. Gostaríamos muito. Liga-me, beijinhos!»

Alessandro apaga a mensagem. «Eu também gostaria muito, mesmo muito, mamã, mas acho que desta vez vou ter de aguentar o teu jantar sozinho. Hás-de perguntar: “Então, quando é que tu e a Elena se casam? Estão à espera de quê? Olha para as tuas irmãs, que já têm filhos. Quando é que vais dar-nos um netinho?” Acho que não vou saber o que te dizer. Não vou conseguir contar-te que a Elena se foi embora. Vou mentir. Mentir à minha mãe. Claro que não é bom. Aos trinta e seis anos, não, trinta e sete em Junho... É realmente horrível.»

*

Uma hora antes...

Stefano Mascagni é um homem impecável quase em tudo, mas não para cuidar do seu carro. O *Audi A4 Station Wagon* segue veloz nas últimas curvas da Via del Golf e entra na Via dei Giuochi Istmici. No vidro de trás alguém deixou uma mensagem para cumprimentar o mundo: «*Lavem-me. O rabo de um elefante é mais limpo que eu.*» Numa das janelas pode ler-se «*Não, não me laves. Estou a deixar crescer musgo para o presépio de Natal*». No resto do carro, a poeira deixa adivinhar apenas algumas nuances da cor prata-metallizada. Uma pasta cheia de folhas desliza e cai para a frente, espalhando-se no tapete. O mesmo acontece com uma garrafa de plástico vazia, que vai parar sob o assento, rebolando perigosamente perto da embraiagem. Uma série infinita de embrulhos de rebuçados desliza do cinzeiro, dando-lhe um ar de arco-íris, menos romântico, porém.

Do porta-bagagem, de repente, ouve-se um barulho sinistro.

«Porra! Partiu-se. Caraças! Não posso ir ter com ela com o carro nestas condições. A Carlotta chamaria a desinfestação e nunca mais iria querer ver-me. Há quem diga que o carro é o espelho do seu dono... tal como os cães.»

Stefano pára o carro ao pé de uns contentores do lixo e desliga-o. Sai rapidamente do *Audi* e abre o porta-bagagem. O seu portátil tinha caído. Durante a curva, deve ter saído da mala, que deixara aberta. Pega nele, observando-o por cima e por baixo. Parece inteiro. Só um parafuso do ecrã ficou desapertado. Ainda bem! Guarda-o na mala e volta para dentro do carro. Olha em redor e faz uma careta. Do assento sai um saco enorme de supermercado, quase vazio, talvez com o que sobrou das compras de sábado. Stefano pega no saco e começa a recolher rapidamente tudo o que lhe vai parar às mãos. Enfia tudo, até o saco ficar cheio. Depois, sai do carro, torna a abrir o porta-bagagem, pega no computador e deixa-o ao pé de um contentor. Coloca-o de modo que não caia. Começa a tirar do porta-bagagem objectos inúteis e esquecidos. Um saco velho, a caixa de um CD, três latas vazias, um guarda-chuva partido, uma caixa de sapatos vazia, uma embalagem de pilhas fora de prazo, um cachecol enrijado... Antes que o saco rebente, dirige-se aos contentores. Pois, são muitos... Vidro, plástico, papel, lixo sólido, lixo orgânico... Tudo muito arrumado e organizado. «Mas onde é que vou pôr isto? São coisas diferentes. Sei lá. O contentor cinzento parece o mais apropriado.» Stefano aproxima-se e carrega

com o pé na barra em baixo. A tampa levanta-se num repente. O contentor está cheio. Stefano encolhe os ombros, volta a fechá-lo e deixa o saco no chão. Volta para o carro e recomeça a olhar em redor. «Assim está melhor. Ah, não. Se calhar devia ir lavar o carro.» Olha para o relógio: «Não, já é tarde, a Carlotta está à minha espera. Não se pode deixar à espera uma mulher no primeiro encontro.» Stefano fecha o porta-bagagem, volta para dentro e liga o carro. Põe um CD. Piano e orquestra número 3, *opus* 30, terceiro movimento, final *alla breve*, de Rachmaninoff. «Agora está tudo perfeito. Com este “Rach 3”, a Carlotta, ao ver-me, vai desmaiar como em *Shine*.» Carrega na embraiagem e arranca. É uma grande noite e é grande também a sua segurança enquanto conduz.

Um gato felpudo de duas cores caminha curioso. Ficara escondido até que aquele carro se fosse embora. Depois saiu e, com um pulo rápido, começou o seu passeio de caixote em caixote. Algo lhe chama a atenção. Aproxima-se e começa a roçar-se e a observar, sem nunca deixar de cheirar. Coça-se na orelha, passando várias vezes ao pé do ecrã. É realmente muito estranho aquele resíduo.

A música sai alta e profunda pelos altifalantes do *Aixam*.

– À Naomi!

– Vou bem, não vou? – Niki sorri e Diletta bebe cerveja.

– Devias ser modelo de verdade.

– Ao cabo de um ano engorda-se.

– Olly, és mesmo invejosa... Chateia-te porque estava a ir bem com aquela música, não é? Sabes que é mesmo fixe esta! Como é que se chama?

– Alex Johnson.

– Eh, dá para desfilas bem! Olha, eu também vou bem. – Olly chega até ao fundo da passadeira, põe a mão no flanco direito, dobra um pouco uma perna e pára, olhando fixamente em frente. Depois dá uma volta, puxa o cabelo para trás com um movimento da cabeça e volta para trás.

– Oh, parece verdade! – Todas batem palmas.

– Modelo número 4, Olimpia Crocetti!

– Giuditta², qual Crocetti! – Todas começam a cantar aquela música, algumas com jeito, outras sem, algumas com as palavras certas, outras inventando-as. – *I know how this all must look, like a picture ripped from a*

² Referência a uma *gag* do filme *Il Piccolo Diavolo*, de Roberto Benigni. (N. da T.)

story book, i've got it easy, i've got it made... – Bebem o último gole de cerveja fria.

– Valentí, Armá, Dolce e Gabbá, o desfile acabou. Se quiserem contratar-me, sabem onde estou! – Olly faz uma reverência para as outras. – Bom, fazemos o quê? Estou farta de estar aqui...

– Vamos ao Eur, ou, sei lá, ao Alaska! Vamos fazer alguma coisa!

– Então, mas acabámos de o fazer! Não, meninas, amanhã tenho um teste, vou para casa, senão estou lixada. Tenho de compensar aquela nota horrível.

– Anda! Que chata! Não vamos voltar tarde. Vá, o que te importa, amanhã levantas-te mais cedo e dás uma vista de olhos, não?

– Não. Preciso de dormir. Voltei tarde três noites seguidas... Não sou de ferro!

– Não, és uma cabeça dura! Bom, faz como entenderes, nós vamos. Até amanhã!

Cada uma delas se dirige para o seu meio de transporte. Três vão sabe-se lá para onde e uma para casa. As quatro garrafas de *Corona* ficam ali, na passadeira, vazias como conchas abandonadas na praia depois de um *tsunami*. «Olha que grande confusão que fizeram! É claro, porque quem limpa sou eu...» Apanha as garrafas, enquanto olha em redor. Um poste ilumina uma fileira de contentores. Ainda bem que entre eles está também o verde, para o vidro. «Que nojo, as pessoas são mesmo porcas. Nem separam o lixo. Como se não soubessem que o planeta está nas nossas mãos.» Enfia as garrafas pelo buraco do contentor. «E as tampas? Para onde é que vão as tampas? Não são de vidro! Talvez onde se deixam também as latas. Podiam colocar uma indicação, com um autocolante ou um desenho: “Deite as tampas aqui.”» Depois pára e começa a rir. «Como era aquela velha piada de Groucho? “Pai, chegou o homem do lixo.” “Diz-lhe que não precisamos.”»

Como é impecável, deita também um saco que ficara por fora do caixote. Depois, dá por aquilo. «Não acredito. Fazia-me muita falta. O que não vale ser impecável!»

Mais tarde, durante a noite, um carro trava quase que derrapando. O motorista sai rápido e olha em redor. Parece uma daquelas personagens tipo *Starsky e Hutch*, mas não tem de disparar contra ninguém. Olha para aquele contentor, em baixo. Por trás, por cima, por baixo, no chão. Nada. Já não está. «Não acredito. Não acredito. Nunca ninguém limpa, ninguém se preocupa com quem deixa os sacos no chão e esta noite eu tinha de encontrar alguém muito certinho no meu caminho!

Ainda por cima a Carlotta desmarcou. Disse que finalmente se apaixonou... mas por outro...»

Stefano Mascagni não sabe que, graças ao que perdeu, um dia haverá de ser feliz.